

AS EMOÇÕES E OS ESTILOS DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ENSINAR/APRENDER

¹Isabel Cristina Hierro Parolin
²Sonia Maria Gomes de Sá Küster

RESUMO

Esse artigo aborda a mediação possível e necessária entre os educadores e seus aprendizes, a partir do conhecimento das emoções como manifestação do campo afetivo da pessoa. O conhecimento dos Estilos de Aprendizagem e os cuidados com o clima emocional em que acontece a relação no processo de ensinar/aprender, fazem parte de um grupo de fatores essenciais para o sucesso do trabalho educativo. Tendo por referência teórica a obra de Henri Wallon e Carl Jung e, como pano de fundo, nossas práticas educacionais, tem-se a intenção de aprofundar a relação entre a necessidade do professor conhecer e refletir sobre seu estilo de aprender e ensinar como um instrumento de competência técnica; e em perceber e trabalhar, sobretudo, o clima emocional e relacional em que acontecem os momentos educativos, como forma de viabilizar, ou impedir, as aprendizagens.

Palavras Chave: aprendizagem, emoções, qualidade relacional, estilos de aprendizagem.

O disparador reflexivo

A escola, hoje, está longe de ser um lugar seguro, de representar um espaço em que crianças bem educadas por suas famílias procuram escolarizar-se para aprimorar sua formação. A maior queixa dos professores tem sido a dificuldade de trabalhar com as diferentes culturas e as diferenças individuais dos aprendizes. Comportamentos atípicos, agitados e inquietos são constantes nas salas de aula, e esse fenômeno reporta a outra situação, igualmente nova, que é entender e trabalhar diante dessa realidade e conseguir ser competente. O Brasil tem se saído muito mal nas avaliações de competência em leitura, escrita e na resolução de problemas matemáticos. Em 2007, o Brasil ficou na 53ª posição para matemática, na 48ª em leitura e, ainda, a constrangedora 52ª na área de ciências e na capacidade de usar esses conhecimentos para resolução de problemas no dia-a-dia, segundo o PISA (sigla em Inglês para Programa Internacional de Avaliação de Alunos),

¹ Pedagoga, especialista em Psicodrama e Pedagogia Terapêutica; Mestre em Psicologia da Educação. Psicopedagoga clínica e consultora institucional de escola públicas e privadas; professora e palestrante em cursos, congressos, encontros, pós-graduações para professores e pais; Associada titular da ABPp Nacional. Autora de vários livros e artigos, membro do grupo de pesquisa: Aprendizagem e Conhecimento na Formação Docente, da PUCPR. Endereço eletrônico: isabel.paronin@bbs2.sul.com.br site: www.isabelparolin.com.br

² Pedagoga, especialista em Educação Infantil, formada em Psicopedagogia, mestranda em Educação. Psicopedagoga clínica, presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia Seção Paraná Sul, gestão 2008/2010, associada titular da ABPp Nacional, docente em cursos de pós-graduação na área da Psicopedagogia e Educação, membro do grupo de pesquisa: Aprendizagem e Conhecimento na Formação Docente, da PUCPR. Endereço eletrônico: soniakuster@uol.com.br .

divulgado pela OCDE – Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico.

Os professores vivem hoje os resultados de uma história: ignorar os suspiros, as mãos agitadas, os silêncios ou a fala egocêntrica, que mostram a presença das emoções em sala de aula. A necessidade de vencer o programa educacional e findar as atividades acadêmicas planejadas, tem sido, ao longo dos tempos, o mais importante. Ainda existe, no imaginário do professor, a idéia de que a escola é lugar de estudar e que as manifestações emocionais não cabem em uma sala de aula. O resultado é que não se está conseguindo avançar na direção de práxis educativas mais competentes.

Despreparados para perceber e avaliar o contexto em que se encontram, os professores têm se queixado, e terceirizado, a compreensão desse fenômeno, ao invés de promover o competente enfrentamento. A queixa de que os alunos “*não são mais como antigamente*” têm tomando o lugar de pensamentos e ações mais exitosas. Intimidar, ignorar, transferir ou, simplesmente, esperar que o ano acabe, têm sido expediente de muitos professores. Ao invés de investirem na busca de práticas mais competentes, perdem-se em queixas improdutivas.

Trabalhando com professores, da rede pública e particular, ouvem-se queixas que convidam à reflexão da importância de conhecer os elementos necessários para que se possa mediar, com competência, o processo de aprender.

Na qualidade de estudiosas e pesquisadoras do grupo de pesquisa: Aprendizagem e Conhecimento na Formação Docente, do Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, temos estudado a relação entre os estilos de aprendizagem do professor e as repercussões na aprendizagem de seus alunos.

Notadamente, percebe-se que o professor tende a pensar no que está fora dele: políticas públicas, planejamento estratégico da escola, estrutura física, recursos materiais, metodologias, teorias e **resiste ao convite de refletir e conhecer o seu comportamento e a qualidade das relações que ele estabelece com seus alunos.**

Nesse artigo, aprofunda-se a relação entre a necessidade do professor em conhecer e refletir sobre seu estilo de aprender e ensinar como instrumento de competência técnica e em perceber e trabalhar, sobretudo, o clima emocional e

relacional em que acontecem os momentos educativos, como forma de viabilizar, ou impedir, as aprendizagens. Enfatiza-se que as preocupações acima elegidas não são de somenos, no entanto, tem-se, nesse trabalho, o foco na qualidade da relação educativa e a repercussão das emoções e os estilos de aprendizagem no processo de aprender e ensinar.

Selecionou-se, dentre muitos, quatro depoimentos feitos em forma de desabafo, por identificá-los como situações que facilitarão conexões entre o conhecimento dos estilos de aprendizagem e o envolvimento das emoções e relações no contexto educativo.

Esses depoimentos fazem parte do trabalho desenvolvido em um projeto intitulado: “A ³*Formação dos Professores Formadores*”, em que o objetivo do trabalho, ao longo de 200 horas de atividades, foi “*promover a renovação do “olhar” do professor para a tarefa de aprender e de ensinar, promovendo a integração entre o Saber e o Ser, de forma a torná-lo mais comprometido, competente e feliz*”. Dentre as atividades propostas, estava o conhecimento do estilo de aprender do professor para identificar o seu estilo de ensinar. **Fizemos, a partir desse trabalho, uma pesquisa qualitativa com ênfase na interpretação do discurso do professor.** Nesse trabalho foram desenvolvidas inúmeras atividades que encaminharam as reflexões acerca da importância do autoconhecimento como valioso instrumento que possibilita conhecer o outro.

Catalina Alonso, citada por Portilho (2001, p. 35), define estilos de aprendizagem como sendo “*os traços cognitivos, afetivos e fisiológicos que servem como indicadores relativamente estáveis de como os alunos percebem, interagem e respondem em seus ambientes de aprendizagem*”.

Alonso, Gallego e Honey (1994) destacam quatro estilos de aprendizagem: **reflexivo** – compreende as pessoas que têm preferência pela observação a partir de diferentes ângulos de visão, que são ponderadas e buscam aprofundamentos (exemplificado no primeiro depoimento); **pragmático** – compreende as pessoas que precisam ver a aplicabilidade de suas informações ou conhecimentos e têm

³ Fragmentos do trabalho podem ser encontrados no site: www.isabelparolin.com.br ou na publicação: CALDEIRA, Rachel e PAROLIN, Isabel. *Formação de Professores: Um investimento em autoconhecimento*. In: Psicopedagogia: Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia. São Paulo: ABPp, 2007., n° 74

tendência a ser bastante realistas, objetivas e muito práticas (como exemplo, o segundo depoimento); **teórico** – caracteriza as pessoas que têm preferência de integrar os fenômenos observados a teorias lógicas e complexas, tendendo a ser estruturadas, críticas e objetivas (como exemplo, o terceiro depoimento); **ativo** – compreende as pessoas que se arriscam em experiências novas e em desafios, improvisando com entusiasmo (exemplificado no quarto depoimento).

Seguem os depoimentos:

1. Nesse ano, tive um enorme desafio como professor... Tive de trabalhar com crianças mal educadas, mimadas e desacostumadas a pensar com autonomia. Foi muito desgastante. Depois de muito refletir e observar cada um deles, conseguia uma forma de fazê-los trabalhar mas, passado um tempo, tudo desandava novamente. Suei a camisa, mas tenho conseguido... Não tem sido fácil. Passo horas pensando em como trabalhar com eles. (Professor de Física do Ensino Médio)

2. Tenho uma turma muito difícil e um aluno, em especial, que não ia para frente. Nenhum dos professores acreditava nele e em sua evolução. Então, eu o levei para o EJA (Escola de Jovens e Adultos), e ele passou a ser aluno destaque. Foi melhor, pois ele não estava aprendendo aqui. (Professor de Geografia de 7ª série do Ensino Fundamental)

3. Você não sabe o que é trabalhar com crianças mal educadas e mimadas. Uma chatice! Quando a gente tenta organizar, fazer algum contrato, usar metodologias diferentes, apresentar sites modernos para animar as aulas, os pais vêm e caem em cima da gente. Eles não produzem por não se envolverem e por não terem autonomia. Difícil... É lamentável, mas o que mais posso fazer? (Professora de 3ª série do Ensino Fundamental)

4. Estou trabalhando com alunos agressivos e com muitas dificuldades acadêmicas. Vivem num mundo em que a agressividade faz parte e seus familiares não se escolarizaram. Como ensinar crianças que vêm para a escola porque é o único lugar que elas têm para vir? Fui aprender sobre grafiteagem, dentre outras coisas da cultura local, para poder ensiná-los e também me aproximei mais do jeito de eles viverem e relacionarem-se. Aí ficou mais fácil. (Professora de Língua Portuguesa)

Tem-se como objetivo fazer as conexões entre os estilos de aprendizagem da pessoa, tendo como referência os depoimentos citados, e os estados emocionais que repercutem em aprendizagens.

O que acontece com os personagens dos depoimentos? Certamente, a situação é mais complexa do que se consegue analisar nesse texto, porém a proposta é disparar uma reflexão a partir do referencial dos estilos de aprendizagem em conexão com os teóricos Wallon e Jung, caracterizando o papel das emoções na mediação das aprendizagens.

Relevância social

A relevância social desse trabalho está na constatação de que a sociedade atual vive momentos de profunda inquietação. Diante das mudanças promovidas pelas tecnologias e pelas ciências avançadas, as pessoas acabam tendo de mudar sua forma de relacionar-se, tanto com a vida, quanto consigo mesma. Nessa direção, necessitam criar formas diferentes de Ser no mundo, exigindo reflexões na direção de entender-se e encontrar-se num contexto ainda não completamente desvelado.

Fala-se no colapso das verdades e na urgência de construir-se uma sociedade mais responsável, cuja valorização da dimensão afetiva nas relações é emergente.

O conceito de aprendizagem, a partir do olhar da Complexidade, convida-nos a diferentes conexões sobre **como uma pessoa aprende**. Sabe-se que uma pessoa aprende de diferentes formas, a partir de diferentes contextos e com diferentes recursos e que não se pode reduzir o conceito de aprendizagem à apropriação de conhecimentos. Portanto, a educação tem por tarefa, além de promover a construção de conhecimento, mediar auto-organização, capacidade reflexiva, autoconhecimento e maturidade emocional.

Nessa perspectiva, o aprender e o ensinar estão relacionados ao clima emocional em que ocorre a aprendizagem. A qualidade da relação e a temperatura emocional que se estabelece entre o professor e o aluno são de enorme importância. Elas podem vir a impedir outras ações educativas e obnubilar outros conhecimentos, por torná-los ineficazes.

Henri Wallon

Henri Wallon nasceu em Paris, França, em 1879 e faleceu em 1962. Era médico, filósofo e psicólogo. Atendeu pessoas com distúrbios psiquiátricos durante a

1ª Guerra Mundial. Criou um laboratório de psicologia para pesquisar o comportamento das crianças. Além de ter sido professor da Universidade de Sorbonne e vice-presidente do Grupo Francês da Educação Nova, coordenou o projeto de Reforma do Ensino da França. É um estudioso da pessoa, entendida por ele como a síntese das experiências vividas entre o orgânico e o social. Para ele, a inserção num contexto biossocial constrói uma história que é mediada pela herança genética de cada um, pelo desenvolvimento da vida afetiva, do clima em que as ações aconteceram, pelo conhecimento que geraram e pelas manifestações que repercutem numa forma de funcionar e expressar-se no mundo.

Afetividade, segundo Wallon, é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e manifesta-se de diferentes formas: desde as primeiras, basicamente orgânicas, como as manifestações iniciais de tonalidades afetivas, até as mais elaboradas, como as emoções, os sentimentos e as paixões.

As emoções são as manifestações da afetividade e a expressão dos sentimentos. Têm caráter de visibilidade, e é por meio delas que os educadores podem conseguir pistas do que está acontecendo com seus alunos: respiração, agitação, expressões faciais, olhares etc. Sua grande função é mobilizar o outro e garantir atenção e cuidados.

Para Wallon, a afetividade tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade. À medida que a criança vai crescendo, é transformada pelas circunstâncias sociais, causando uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão se distanciando da base orgânica e tornando-se cada vez mais relacionadas ao social. Conceitualmente, a afetividade deve ser diferenciada do sentimento, da paixão, da emoção, que são de suas manifestações.

Wallon desenvolveu o estudo da criança contextualizada, ou seja, observou que os aspectos físicos do ambiente em que a criança foi criada, as pessoas mais próximas, com suas peculiaridades, a linguagem estabelecida entre eles e os conhecimentos que circulam em meio a essa rede formam o cenário de desenvolvimento. Afirma que o ser humano é uma síntese entre o ser orgânico e o ser social; todavia, aos poucos, o ser biológico vai dando espaço ao ser social. A inserção cultural, portanto, é determinante para o pleno desenvolvimento da criança. O autor entende que os conflitos, que podem ser resultantes da relação da criança com seu ambiente ou da criança com seus centros nervosos ainda não ajustados às

relações com seu meio ambiente, são propulsores do desenvolvimento quando adequadamente direcionados.

O entendimento de que a pessoa constrói-se progressivamente e em relação com seus pares em estados de alternância, ora mais emocionais, ora mais cognitivos, auxilia na avaliação da importância de um Outro, atento e competente, na vida das crianças.

O mesmo autor entende que o movimento é a expressividade das inteligências. Os movimentos revelam a forma, os domínios e a organização dos pensamentos. Toda atividade pressupõe um tônus muscular que lhe é próprio, e cabe ao sujeito aprender a regular a tonicidade em consonância com a natureza da tarefa. As crianças iniciam sua existência com movimentos e tônus sob o domínio do orgânico, até conseguirem regular no âmbito do desejo – do ato motor ao ato mental.

Portanto, o desenvolvimento da pessoa acontece a partir de um período de impulsividade, em que as relações nutrem-se por olhares, por carinhos e tornam-se visíveis por meio de gestos e de posturas corporais, passando pela linguagem, que pode expressar o sentimento, podendo acontecer uma troca afetiva à distância. Cada vez mais, a afetividade vai se tornando racionalizada, sendo elaborada no plano mental.

Na perspectiva desse teórico, sem o vínculo afetivo não há aprendizagem. Aprender é um investimento que o sujeito empreende e, para que isso ocorra, é necessário um clima emocional que seja favorável a esse esforço. Dito por Dantas (1999, p. 90), de outra forma, *“Isto significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa”*.

O comportamento emocional tem algumas características, tais como:

- Por ser eminentemente social e necessitar de platéia para sua manutenção, tem o caráter de ser contagioso e epidêmico;
- Quanto mais emocionada a pessoa, mais ela projeta para o social e tem tendência a misturar-se com o outro;
- Toda emoção tem um tônus muscular e uma expressividade;
- A emoção tende, também, a diminuir o grau de racionalização e eficácia da cognição; portanto, ela é considerada regressiva;
- Também a serenidade é um estado emocional;

- A emoção costuma ser assustadora; é muito evitada para o enfrentamento pedagógico por ser explosiva e impossível de não ser expressa; pois é plástica.

Diante disso, os educadores exitosos são leitores de expressões emocionais e podem planejar melhores performances de seus aprendizes.

Carl Jung

Carl Jung nasceu em Kesswill, uma cidade às margens do Lago Constance, na Suíça, em 1875 e passou os últimos anos de sua vida na Torre, sua casa de campo às margens de um lago em Böllingen, no distrito de Saint Meinrad, Suíça, vindo a falecer em 1961, aos 86 anos. Era médico psiquiatra, psicólogo, sociólogo, antropólogo e, principalmente, um estudioso da alma humana.

Como estudioso da sua própria psique, trouxe para a área científica dois fenômenos fundamentais: a subjetividade e a simbologia para decifrar as tramas do inconsciente. Observando sonhos e imagens, traçou paralelos com o seu significado simbólico e sua repercussão na vida real. Ao longo de anos de estudo, considerou as imagens como a arqueologia viva da psique. Na teoria junguiana, a psique é composta de várias esferas concêntricas: a camada mais superficial é a representação da consciência, e as outras mais internas, os vários níveis do inconsciente, que estão em constante interação.

Para Jung, o inconsciente não são (como para Freud) os desejos reprimidos, mas tudo aquilo que se sabe ser psiquicamente real, tudo aquilo que não é consciente. Jung caracterizou os conteúdos do inconsciente pessoal e coletivo. Os conteúdos do inconsciente pessoal são dependentes das vivências de cada indivíduo, enquanto os do inconsciente coletivo devem sua existência à hereditariedade, aos instintos.

Uma das principais contribuições junguianas é conceito de individualização que, nesse artigo, torna-se essencial para a compreensão dos aspectos que interferem no processo de aprendizagem, uma vez que se acredita que, para aprender, o sujeito necessita estar atento às relações estabelecidas com os atores envolvidos e, principalmente, em harmonia consigo mesmo. Para relacionar-se, o sujeito necessita se conhecer e ser olhado em sua totalidade, que é individual e única.

A individuação é um processo espontâneo de amadurecimento, por meio do qual o indivíduo torna-se o que está “destinado” a ser, desde o início. Utilizando a simbologia tipicamente junguiana, pode-se dizer que a semente de uma fruta só poderá se desenvolver tornando-se ela mesma, e não uma outra: semente de laranja torna-se laranja, e não abacate. O sujeito nasce “semente” de ser humano; porém, desconhece que tipo de semente é, ou seja, desconhece qual será sua identidade profunda. Só o processo de individuação e autoconhecimento possibilitarão essa descoberta.

Como disse Jung, a individuação faz-se entre homens, uma vez que o indivíduo não é um ser separado, e sua existência pressupõe sempre uma relação com o outro. De acordo com Grinberg (2003, p.177), *“a individuação ou realização do Si-Mesmo é um conceito permeado de significados morais e éticos. Sua ênfase está na autonomia e responsabilidade do indivíduo no mundo”*.

Portanto, a influência do processo de individuação no desenvolvimento da pessoa é um dos aspectos que se considera importante nas relações estabelecidas com a aprendizagem e os sujeitos desse processo. É na escola que a criança inicia o processo de individuação, descobrindo seus potenciais e limitações, saindo da zona de conforto ao lidar com as regras e conseqüentes frustrações, indispensáveis ao amadurecimento psico-socioeducacional. Ou seja, a escola serve para desligar, gradativamente, a criança da família, ajudando-a na descoberta do seu Self, ou de Si-Mesma, e na autonomia relacional tão necessária para aprender.

São a sensibilidade do professor e suas atitudes que irão determinar o clima relacional favorável ao processo de individuação do aluno, no qual haja um efetivo relacionamento humano.

Para Saiani (2003), a atenção ao estado psíquico do professor possibilitará que este se torne ponte para que a criança evolua psiquicamente e, conseqüentemente, no seu processo de aprendizagem. O professor, antes de ser um transmissor de conteúdos, deve ser uma personalidade capaz de educar pelo exemplo.

Para entender os desabafos

É importante comentar que as autoras trazem em sua trajetória olhares semelhantes do processo de aprendizagem, fundamentados nos preceitos da

Psicopedagogia; porém, cada uma delas apóia suas reflexões em um desses teóricos.

A Psicopedagogia **tem recebido subsídios** da Psicanálise, da Psicologia Social e da Psicologia Genética para a compreensão dos processos de aprendizagem. Para a Psicopedagogia, o aprender acontece através da interação e mobiliza tanto as características ambientais, como pessoais do aprendente. A experiência, no grupo de pesquisa citado, tem possibilitado um olhar mais atento aos aspectos relacionais e ao clima emocional em que acontece esse processo. Em todos os relatos, há em comum o estado emocional visível e a natureza dos expedientes que os norteiam. As perguntas que se fazem são: Por que, apesar dos três primeiros professores terem clareza de seus comportamentos e de seus expedientes, eles não obtêm sucesso? No último relato, o professor, apesar de todas as dificuldades, consegue vencer os obstáculos! O que os diferencia?

Entende-se a consideração das emoções e das necessidades relacionais do aprendiz como sendo o quesito fundamental para essa compreensão.

A aproximação do professor às necessidades afetivas dos alunos, como fez a professora do quarto relato, possibilita o direcionamento educativo. Quando se fala em afetividade na educação, contrariamente ao senso comum, não se está querendo que os ensinantes saiam em beijos e abraços com seus alunos. Podem até acontecer essas manifestações; porém, é bom lembrar que, nem sempre, os professores amam todos seus alunos, o que é bem compreensível. Contudo, respeito e atenção são formas de afetividade que a criança consegue entender e perceber nas relações que estabelece com o professor; ela entende como afetivo o fato do professor querer se aproximar dela, de ser respeitada em sua individualidade.

No primeiro relato, o professor confessa dedicar um tempo a pensar uma forma de trabalhar com seus alunos, ao invés de aproximar-se mais deles para descobrir como trabalhar com eles. Ele tem os instrumentos intelectivos para buscar soluções, mas esbarra na sua emoção e, certamente, na emoção de seus alunos. Uma conversa ou a observação da expressão das crianças poderia melhorar, e muito, a competência desses alunos.

O segundo relato faz pensar sobre a facilidade com que o professor desvencilhava-se do “problema” e “resolveu” o caso. Além de o professor

desconsiderar as diferenças de estilos de aprender do aluno “naquela escola”, bem como as diferenças de cada um, ele não imaginou que algo pudesse estar acontecendo na individualidade daquele aluno que não aprendia, o que se expressava em inabilidade para integrar os conhecimentos propostos.

No terceiro relato, a professora mostra-se impotente diante de fatos que descreve. Possivelmente, ao se dar conta de sua imperícia, acabe gerando insucesso em suas relações.

O quarto relato demonstra como a associação de autoconhecimento e a valorização da afetividade pode vir a promover sucesso em sala de aula. A maneira de cada um ser e conviver no mundo constrói-se pelo desenvolvimento da consciência das relações que se estabelece com a vida, consigo mesmo, com a natureza e com o outro, e estas determinarão a maneira de conhecer, de refletir e de aprender.

Uma parada reflexiva

Torna-se fundamental, nesse cenário social, que os aprendizes desenvolvam noções claras de sua personalidade, seus objetivos, suas possibilidades, sua história e da qualidade das relações que estabelecem.

O conhecimento dos estilos de aprendizagem direciona o educador a uma prática mais competente. No entanto, o conhecimento de que as relações afetivas permeiam a aprendizagem e corporificam-na tornam a interação entre esses conhecimentos de fundamental importância. **Será na síntese da forma de ensinar, em consonância com o estilo de aprender do aluno, mais o clima emocional e relacional que eles estabeleçam que acontecem os momentos educativos.** É a partir da vinculação com o ato de aprender que as decorrentes aprendizagens acontecerão.

Os mediadores da aprendizagem devem trazer em suas ações a consciência da sincronidade, que articula saberes, que mobiliza sentimentos. Cada pessoa constrói e reconstrói sua identidade nas ações e nas relações que estabelece ao longo de sua vida e, portanto, ao longo da sua formação.

Como parte da humanidade e de um sistema muito maior, valoriza-se as emoções decorrentes no processo de aprender ou de não aprender como parte do processo de individuação. Acredita-se que haverá mais êxito se for pensado na

complexidade e no valor da vida íntima de cada um. Assim, o sujeito pode chegar próximo da inteireza do Ser e ser, certamente, mais justo, mais solidário e fraterno.

Nas palavras de Paulo Freire é que se busca algo que mobilize para novas conexões e outras sínteses.

Como prática estritamente humana, jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 145-146).

Tem-se esperança de contribuir para promover o “destravamento” do aprendiz, a fim de que ele possa se sentir autorizado e livre para bem aprender.

Referências

ALONSO, C. M.; GALLEGU, D. J.; HONEY, P. **Estilos de aprendizaje**. Que són. Como se diagnostican. Bilbao: Mensajero, 1994.

DANTAS, H. Afetividade e inteligência. In: **Temas em educação I**. Curitiba: Futuro Congressos e Eventos, 2002

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRINBERG, L. **Jung**: o homem criativo. São Paulo: FTD, 2003.

PORTILHO, E. A relação entre estilos de aprendizagem e metacognição na avaliação psicopedagógica em adultos. **Psicopedagogia**. São Paulo, n. 55, p. 35-40, 2001.

SAIANI, C. **Jung e a educação**: uma análise da relação professor/aluno. São Paulo: Escrituras, 2003.

Obras consultadas

CLARET, M. **Jung**: vida e pensamento. São Paulo: Martin Claret, 1997.

JUNG, C. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JUNG, C. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.